

SYLVIA PLATH

ANNIE LEBOVITZ

ELISA LISPECTOR

LUCIA AIZIM

NELLY SACHS

CLARICE LISPECTOR

LEILA DANZIGER

LYSLEI NASCIMENTO (ORGANIZADORA)

**ESTUDOS JUDAICOS**

**MULHERES**

GISELDA LEIRNER

RUTH TARASANTCHI

LEILA DANZIGER

RONIT MATALON

RUTH KLÜGER

HANNAH ARENDT

CINTIA MOSCOVICH

## **Conselho Editorial**

Alexandre Mariotto Botton – UNEMAT/Tangará da Serra

Alice Áurea Penteadó Martha – UEM/Maringá

Aroldo José Abreu Pinto – UNEMAT/Tangará da Serra

Diana Navas - PUCSP/São Paulo

Diógenes Buenos Aires de Carvalho – UESPI/Teresina

Edgar Roberto Kirchof – ULBRA/Canoas

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira – Unesp/Assis

João Luís Cardoso Tápías Ceccantini – UNESP/Assis/SP

Marly Amarilha – UFRN/Natal

Rosa Cuba Riche – CAP- UERJ

Sara Reis da Silva - Universidade do Minho/Portugal

Silvana Augusta Barbosa Carrijo – UFG/Catalão

Thiago Alves Valente – UENP/Cornélio Procópio

Valter Henrique de Castro Fritsch – FURG/Rio Grande

Vera Teixeira de Aguiar – PUCRS/Porto Alegre

Lyslei Nascimento  
(organizadora)

ESTUDOS  
JUDAICOS:  
**MULHERES**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Estudos judaicos [livro eletrônico] : mulheres / organização Lyslei Nascimento. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022.

ePub.

Várias autoras.

ISBN 978-85-7591-655-1

1. Mulheres judias 2. Mulheres judias – Vida religiosa  
3. Judaísmo 4. Judaísmo – Estudo e ensino I. Nascimento, Lyslei.

22-130417 CDD-305.8924092

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Mulheres judias : Aspectos sociais 305.8924092

---

*capa e gerência editorial:* Vanderlei Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras  
*revisão final* dos autores  
*bibliotecária:* Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

Essa obra está sendo publicada com recursos do Edital de Publicações 2021 da Faculdade de Letras/UFMG

Agradecemos, pelo apoio e patrocínio:  
Faculdade de Letras da UFMG  
CNPq  
FAPEMIG

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**2 0 2 2**

FORMATO DIGITAL

BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução ou armazenamento parcial ou total ou transmissão de qualquer meio eletrônico ou qualquer meio existente sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*Para Esther Carvalho,  
nosso exemplo de força e de delicadeza,  
in memoriam.*



## SUMÁRIO

PREFÁCIO **9**

Lyslei Nascimento

SYLVIA PLATH E O IMPOSSÍVEL NA SHOAH **17**

Ana Cecília Carvalho

A TRADIÇÃO DO RETRATO EM ANNIE LEIBOVITZ **37**

André Melo Mendes

RETRATOS QUE FALAM EM ELISA LISPECTOR **71**

André de Souza Pinto

A POESIA DE LÚCIA AIZIM **91**

Berta Waldman

ELEMENTOS DO TRÁGICO EM NELLY SACHS **99**

Filipe Menezes

CLARICE LISPECTOR E A ESCRITURA DO DESASTRE **111**

Joanna Malgorzata Moszczyńska

PEQUENAS E GRANDES CATÁSTROFES  
COTIDIANAS EM LEILA DANZIGER **139**

Késia Oliveira

A LIÇÃO DAS COISAS EM GISELDA LEIRNER, RUTH  
TARASANTCHI E LEILA DANZIGER **149**

Lyslei Nascimento

O SOM DE NOSSOS PASSOS: RONIT MATALON **161**

Nancy Rozenchan

RUTH KLÜGER EM SEU DEPOIMENTO

TARDIO SOBRE A SHOAH **183**

Saul Kirschbaum

EICHMANN AOS OLHOS DE HANNAH ARENDT **199**

Sofia Débora Lev y

RETÓRICA CONFSSIONAL

EM CÍNTIA MOSCOVICH **223**

Soraya Lani

SOBRE OS AUTORES **241**



## PREFÁCIO

As mulheres foram, para Jean Delumeau em *História do medo no Ocidente*, junto aos judeus e aos muçulmanos, taxadas de perigosas e “agentes de Satã”. A partir de um ponto de vista inferiorizante e envolto em um discurso teológico que, até hoje, amedronta e põe na sombra as mulheres, em um determinismo cientificista da condição biológica feminina, além de uma avaliação reprovável de seu caráter posto como dúbio ou inválido pela justiça, a história do medo engendrou a sua conseqüente diabolização.

As filhas de Eva conceberam e deram à luz a mulheres que, nos mitos e nas lendas disseminados pela tradição oral, aparecem, paradoxalmente, como seres sobrenaturais, revestidas de diabólicas artimanhas e malefícios ditos, típicos das mulheres de carne e osso. Às mulheres, acusadas de feitiçaria, atribuiu-se o dom de voar, com uma vassoura, é bem verdade, porque assim, é possível determinar o seu lugar na cozinha, nas tarefas domésticas, e excluí-las da gerência, da administração, das decisões oficiais. No entanto, esse símbolo das feiticeiras, ao sobrevoar os pesadelos, molda uma concepção ocidental do feminino que, na arte e na literatura, produziu um acervo quase infinito de personagens que, com

as armas que têm que a elas foram atribuídas, sobreelevam o peso adverso do mundo.

Certamente, não é só de ficção que se alimenta, nasce e cresce o medo que se tem da mulher e o medo que nelas foi inculcado. Essas duas faces do medo se manifestam na violência que se exerce física, psicológica e patrimonial e que, mesmo em tempos atuais, ainda sofre os destemperos da faina que se ergue contra o feminino tanto na vida quanto na arte.

Se é verdade que o texto bíblico, hebraico ou cristão, rasura e apaga, em inúmeras narrativas, as mulheres, também é certo que, na ficção, algumas, como no romance *A mulher que escreveu a Bíblia*, de Moacyr Scliar, rompem o silenciamento a elas imposto e surgem como líderes, juízas, conselheiras de guerra, escritoras e artistas, ou seja, em papéis, visíveis e tradicionalmente, destinados aos homens.

Nesse sentido, a leitura de Ana Cecília Carvalho, de Sylvia Plath, em franco diálogo da literatura com a psicanálise, é um golpe desferido contra qualquer ideia ou leitura que pretenda “uma estabilidade, uma equivalência definitiva entre a realidade factual e o texto”. Se a poesia de Plath recria, ou reinventa a realidade, ao mesmo tempo em que inventa a si mesma, sua escritura sofisticada revela a impossibilidade de fazer equivaler, de modo absoluto, o sujeito da enunciação com o *self* do autor. Aproximar essa reflexão a Shoah agrava, sobremaneira, o sentido que esse tipo de texto veicula. Revelar que “a literalidade da história inclui algo que, de dentro do evento, faz a literalidade desaparecer”, lembra-nos a autora de “Sylvia Plath e o impossível na Shoah”. Escapando da “literalidade da história”, a poesia de Plath inaugura uma “desrealidade”, ou seja, pode ser compreendido como um “ponto de desaparecimento histórico de sua incredibilidade”. Desse modo, a ensaísta evoca o uso da metáfora da

Shoah por Shoshana Felman, para quem “não apenas toda representação é infinita e não conclusiva, mas a representação é apenas uma aproximação” e que sua apreensão deixa vislumbrar o esforço poético que “convive com outros recursos de que dispomos para lidar com o indizível”.

André Melo Mendes, no ensaio “A tradição do retrato em Annie Leibovitz”, estuda como a fotógrafa norte-americana inscreve-se, de forma crítica e política, no início do século XX, numa tradição de fotógrafos que pretendia transformar cidadãos comuns em heróis e cenas corriqueiras em epopeias. Leibovitz, segundo o ensaísta, elege ou consolida como heróis não cidadãos comuns, mas personalidades de destaque. Utilizando-se de referências que vão desde a história da arte até a cultura pop, a fotógrafa recria suas imagens revelando diálogos intertextuais por vezes inusitados. Apesar de alcançar grande sucesso em geral, Leibovitz “não venceu a resistência de parte da crítica contemporânea, que parece preferir ignorá-la a reconhecer as qualidades de seu trabalho”. Suas fotografias, usualmente veiculadas em revistas de variedades e de moda, “e de serem enquadradas como comerciais por sua ligação com a publicidade”, não devem ser desqualificadas. O forte impacto do seu trabalho sobre a iconografia contemporânea influencia a história do retrato e cria imagens que, ao longo dos anos, vêm transformando, de acordo com o ensaísta, de forma implacável, o nosso imaginário simbólico.

O ensaio “Retratos que falam em Elisa Lispector”, de André de Souza Pinto, ilumina uma das escritoras mais relegadas ao esquecimento pela crítica literária. O brilho de sua obra ainda é, inúmeras vezes, tamponada pelo sucesso indiscutível da irmã, Clarice. O livro *Retratos antigos: esboços a serem ampliados*, de Elisa Lispector, e organizado por Nádida Battella Gotlib, no entanto, joga luz sobre essa escritora porque “põe o leitor diante de um requintado álbum de fotogra-

fias”, mas também exibe a uma autora de primeira grandeza. O álbum dos Lispector parece, assim, íntimo e pessoal, mas cada fotografia incita “na escritora uma lembrança específica e cada elemento ganha um valor inestimável”. A infância, ilustrada por brincadeiras, comidas e costume judaicos, os momentos passados ao redor da mesa, a alegria da mãe na preparação de Pessach, tudo é avivado pela narrativa dentro do álbum, fazendo descortinar e tirar da sombra, segundo o ensaísta, a escrita fundamental de Elisa Lispector.

Berta Waldman em “A poesia de Lúcia Aizim”, revela uma tentativa poética da escritora de aproximar arte e existência. Aizim, de acordo com a ensaísta, lida com temas impressionistas, nos quais “a figura humana é o lugar sempre ambíguo que organiza a construção do mundo poético numa relação entre interior e exterior”. Lembranças e sentimentos podem ser entrecidos “à paisagem, à natureza, à cidade, ao espaço doméstico”, sempre atravessados pelo olhar arguto da poeta. Sendo assim, a poesia de Aizim “se volta aos mistérios do cotidiano, surpreendendo, nos pormenores, sua carga de revelação.” O leitor é, assim, introduzido num circuito textual que vai da “experiência” à sua representação emocional, passando do “dado” à investigação de seus efeitos no sujeito. Entre o passado e o cotidiano, afirma a ensaísta, “atados ambos à crise da mulher madura, forma-se a base existencial da angústia num espírito delicado, mas sem repouso.” Esses elementos, singulares e, ao mesmo tempo, universais, inscrevem Lúcia Aizim na rica tradição literária da poesia brasileira.

O ensaio “Elementos do trágico em Nelly Sachs”, de Filipe Menezes, trata de traços melancólicos e poéticos em diversos poemas na obra da escritora e tem como ponto central um olhar sobre a Morte. Na obra de Sachs, a Morte é uma entidade, uma espécie de personagem que vai ao encalço dos oprimidos com propósitos destrutivos. A chocante morte

cotidiana é analisada pelo ensaísta como uma metáfora dos guetos e das perseguições, dos pogroms e dos campos de concentração, trabalho forçado e morte. Sobretudo, Sachs, de acordo com o ensaísta, retrata o tormento de Israel e se torna o seu principal arauto em praticamente toda sua obra poética, como afirma: “Oh Israel, do sofrimento de teu caminhar, eu sou até o céu um eco profundo.” Os poemas analisados nesse ensaio, fazem parte de *Nas moradas da morte*, publicado em 1947 e dedicado aos “irmãos e irmãs mortos”. Sob o impacto da Segunda Guerra, o texto, desde os títulos de suas quatro partes sugerem a inevitabilidade e o papel da intelectual como testemunha do seu tempo: “O teu corpo em fumo pelo ar”, “Orações para o noivo morto”, “Epitáfios escritos no ar” e “Coros depois da meia-noite”.

O ensaio “Clarice Lispector e a escritura do desastre”, de Joanna Malgorzata Moszczynska, analisa a “amarga ironia” com a qual Clarice fala do nazismo e, de certa forma, o silêncio sobre a Shoah na obra ficcional e na correspondência mantida com as irmãs, Elisa e Tânia, e com os amigos brasileiros, entre 1944 e 1949. *Minhas queridas* é o título da coletânea que é analisada. A correspondência trocada com suas irmãs e que permaneceu inédita até 2007 revela, entre outros fatos, os relatos das viagens da escritora pela Europa e pela África do Norte nos últimos meses da Segunda Guerra Mundial e nos primeiros anos pós-guerra. De acordo com o ensaísta, Clarice reconhece que as consequências da Guerra serem a longo prazo e refere-se criticamente ao ofício de escritor, sobre a forma de um escritor enfrentar a catástrofe. “Escrever ou silenciar? Escrever e silenciar?” A escritora busca, assim, “encontrar um sentido forte de existência”, ou um sentido para o que seria uma “obra engajada e não neutra, não frívola, mas responsável.”

A partir do conto “O fazedor,” de Jorge Luis Borges, Késia Oliveira em “Pequenas e grandes catástrofes cotidia-

nas em Leila Danziger”, reflete sobre a arte e a narrativa da e na contemporaneidade. A tarefa de cortar um fragmento e inseri-lo em outro contexto é apontado pela ensaísta como a recriação artística efetuada por Leila Danziger em *Diários públicos*, de 2001. Cortar, raspar e colar se configuraria, desse modo, como atividades de recriação da artista em extensas séries nas quais ela “se apropria de trechos literários, como versos de Paul Celan, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles, reinscrevendo-os sobre páginas que foram anteriormente raspadas.” *Diários públicos*, de Danziger, confere assim, uma “visibilidade ao que é invisível” ao trazer as imagens citadas e, de certa forma, se aproximar de uma emancipação do espectador/leitor.

O ensaio “A lição das coisas em Giselda Leirner, Ruth Tarasantchi e Leila Danziger”, de Lyslei Nascimento, revela como “bonecas quebradas, uma trouxa de roupas velhas e rasgadas, tocos de lápis e borrachas usadas” podem ser metáforas de um passado fraturado que deixaram marcas indeléveis sobre os corpos e as memórias de três artistas no Brasil. Esses objetos, vislumbrados como ruínas singulares em textos selecionados da obra de Giselda Leirner, Ruth Tarasantchi e Leila Danziger. No trabalho dessas artistas, esses objetos, por sua natureza, precários – forçados entre o lembrar e o esquecer – surgem solitários, em meio às histórias e versos, ou em enoveladas enumerações, constituindo, na acepção lírica de Carlos Drummond de Andrade, a “lição das coisas”.

Em “O som de nossos passos: Roni Matalon”, Nancy Rozenchan analisa, no romance da escritora israelense, filha de judeus provenientes do Egito, uma dolorosa herança histórica e familiar. A narrativa parcialmente autobiográfica revisita, para a ensaísta, as memórias familiares da autoras nas décadas 1950-1960. A narradora, desse modo, foca a sua atenção na figura da mãe, para, depois, fazer emergir outros

personagens, os demais membros da família. Ao justapor a crueza da experiência infantil, contada por uma narradora identificada apenas como “a menina” (*el bint* – a filha, como era chamada em árabe), com a perspectiva madura da mãe, mais do que uma reprodutora das histórias que ouviu a respeito do período da infância e da saga egípcia da família, ela se torna uma comentarista crítica dos fatos que relata.

Saul Kirschbaum, no ensaio “Ruth Klüger em seu depoimento tardio sobre a Shoah”, estuda a autobiografia de uma sobrevivente. De acordo com o ensaísta, “poucos sobreviventes registraram suas memórias logo nos primeiros anos seguintes ao final da guerra.” Os autores de obras autobiográficas, avalia, tiveram necessidade de esperar muitos anos para conseguirem pôr no papel as suas memórias. O depoimento de Ruth Klüger demorou quase meio século para ser escrito, avalia o ensaísta. Em 1989, quando a autora se recupera de um acidente, ela resolve registrar suas experiências na grande catástrofe que foi a Shoah. Sentindo as memórias evaporarem, “cada dia que passa é como uma porta que se fecha atrás de mim”, ela registra, e, após ter visto a morte de perto pela segunda vez, ela se decide a encarar os seus “fantasmas”.

O ensaio “Eichmann aos olhos de Hannah Arendt”, de Sofia Levy, é corajoso e forte, porque a autora relê a obra de uma das mais importantes filósofas do nosso tempo. De acordo com o seu ponto de vista, durante o julgamento, Eichmann “chega a dizer que não se sentia culpado e seu papel na Solução Final foi um acidente e, ainda, que não era antisemita e não odiava os judeus – conforme registrou Arendt.” No entanto, Levy irá demonstrar como essas e outras afirmativas da pensadora podem ser “falseadoras da realidade, sobretudo frente ao cargo de chefia que Eichmann ocupava na política de segurança do Estado nazista”. Essa importante reflexão analisa as palavras do réu, das testemunhas que

o desmentem e de Hannah Arendt. Ao buscar uma reflexão acerca de um mal maior, a filósofa, avalia a ensaísta, “acabou por minorar as considerações de Eichmann sobre a sua responsabilidade pessoal” na Shoah.

“Retórica confessional em Cíntia Moscovich”, de Soraya Lani, aponta quatro componentes essenciais que se impõem na identificação de uma “retórica confessional”: a confissão ou a revelação explícitas; o destinatário intermediário, que representa a entidade ou a pessoa a quem o “eu” dirige seus erros; o sentimento de culpa que leva o “eu” culpado a fazer uma confidência a alguém, liberando, dessa forma, uma voz reprimida; e, por fim, o arrependimento, sentimento oriundo do ato de desvelamento que, em geral, se revela purificador. O romance analisado sob essa ótica é *Por que sou gorda, mãe?*, de Cíntia Moscovich. De acordo com a ensaísta, é possível vislumbrar, nesse texto, todos esses elementos constitutivos do discurso confessional. A fim de analisar o que poderia ser visto como uma “retórica confessional”, o ensaio busca identificar algumas estratégias narrativas utilizadas por Moscovich para “liberar a palavra de modo incisivo, inscrevendo a retórica da confissão em todos os interstícios do texto, numa dinâmica cíclica.” na tradição judaica.

A coletânea *Estudos Judaicos: Mulheres*, a partir dessas importantes reflexões, dá voz a pesquisadores, estudiosos e críticos que trazem, para o primeiro plano, escritoras, artistas e personagens que escapam das sombras e vêm habitar conosco o nosso tempo.

*Lyslei Nascimento*